50 ANOS DO GIRO DEPENDENTISTA
Entrevista com Juan Cristóbal Cárdenas Castro[1]

por Fabio de Oliveira Maldonado[2]

Juan Cristóbal é professor de economia pela Universidade do Chile. Com longa estadia de estudos no México, ele tem graduação em economia na Universidade Nacional Autônoma do México (UNAM) e mestrado e doutorado[3] no Programa de Pós-Graduação em Estudos Latino-americanos (PPELA) pela mesma universidade. Em 2015 recebeu um dos prêmios do concurso da CLACSO "Ensaios Ruy Mauro Marini", por seu trabalho intitulado "Para ler a Dialética da Dependência (do giro dependentista ao giro decolonial)". Entre suas contribuições recentes destacam-se seus artigos "A subsunção da Teoria da Dependência pela Filosofia da Libertação" (publicado em A crítica na margem. Rumo a uma cartografia conceitual para rediscutir a modernidade. Akal, 2016) e "Uma história sepultada: o Centro de Estudos Socioeconômicos da Universidade do Chile, 1965-1973" (de Raíz Diversa, n°3, 2015).

Preocupado em preencher uma lacuna no curso de graduação em relação ao estudo de economia da América Latina, Juan Cristóbal tinha em mente se aprofundar no tema da dependência e do subdesenvolvimento, que

[1] Entrevista realizada em seu apartamento na cidade de Santiago do Chile, no dia 29 de junho de 2017.

[2] Mestre pelo Programa de Pós-Graduação em Integração da América Latina na Universidade de São Paulo (PROLAM-USP).

[3] Cf. Dissertação de mestrado: CASTRO, Juan Cristóbal Cárdenas. Surgimiento y sistematización de la Teoría Marxista de la Dependencia: el Centro de Estudios Socioeconómicos [CESO] de la Universidad de Chile [1964-1973]. 2011. Dissertação (Mestrado em Estudios Latinoamericanos) - Programa de Posgrado en Estudios Latinoamericanos, Universidad Nacional Autónoma de México, Ciudad de Mexico.
Cf. Tese de doutorado: CASTRO, Juan Cristóbal Cárdenas. Los caminos de la sociología crítica y la cuestión de la dependencia. Un registro de sus huellas en Chile y América Latina. 2016. Tese (Doutorado em Estudios Latinoamericanos. Programa de Posgrado en Estudios Latinoamericanos, Universidad Nacional Autónoma de México, Ciudad de Mexico

chegara a estudar de maneira lateral. A princípio, tinha o interesse de fazer uma atualização da Teoria Marxista da Dependência. No entanto, durante seu mestrado, acabou fazendo um estágio de investigação em Mendoza, Argentina, com um grupo de trabalho dirigido por Fernanda Beigel - professora de Sociologia Latino-americana da Faculdade de Ciências Política e Sociais da Universidade Nacional de Cuyo -, que se dedicava a estudar o campo intelectual chileno e argentino durante as décadas de 1950 e 1970, incluindo o tema da dependência.

Motivado por Beigel, Juan Cristóbal muda o foco dos seus estudos e se dedica a estudar as origens da Teoria da Dependência, mais especificamente, a origem e a história do Centro de Estudos Socioeconômicos (CESO), onde muitos intelectuais latino-americanos se reuniram e deram início a um estudo mais sistematizado sobre a dependência. Dessa forma, a pesquisa realizada em sua dissertação buscou reconstruir a história do CESO a partir de um trabalho histórico com documentos, textos e materiais burocráticos da época, rastreando a produção teórica e entrevistando os antigos membros desse centro, como Theotonio dos Santos, Orlando Caputo, entre outros. O grande desafio consistia no fato de que, até então, não havia nenhum trabalho sobre o CESO, de modo que o esforço de investigação se deu primordialmente no garimpo desse material nas bibliotecas do Chile - esforço árduo, já que os textos estavam dispersos e mal classificados e, ademais, a Biblioteca Nacional permite copiar apenas 30 páginas por dia, exigindo persistência e paciência.

Desse esforço resulta o primeiro trabalho sistematizado sobre o Centro de Estudos Socioeconômicos - vigente de 1965 a 1973 -, uma pesquisa de fôlego, que se torna passagem obrigatória para todos os interessados em saber sobre a trajetória e o papel desempenhado por intelectuais de grande relevo para o pensamento latino-americano como Theotonio dos Santos, Vânia Bambirra, Orlando Caputo, Roberto Pizarro, Sérgio Ramos, André Gunder Frank, Ruy Mauro Marini, Tomás Amadeu Vasconi, Marta Harnecker, Emir Sader, Marco Aurélio Garcia, entre outros, bem como sobre o rico contexto em que coletivamente a Teoria Marxista da Dependência foi ganhando vida.

No doutorado, animado mais uma vez por Fernanda Beigel, Juan

Cristóbal se propôs a realizar um estudo aprofundado sobre a origem da sociologia no Chile, as origens da sociologia na Universidade do Chile – principal centro de estudo nas décadas de 1950, 60 e 70 – e, mais especificamente, sobre a figura intelectual de Eduardo Hamuy, fundador do CESO.

Nesse sentido, iniciamos nossa entrevista buscando reatar os laços que conectam a sua tese de doutorado com o trabalho de mestrado, para que possamos entender melhor o início e a consolidação do CESO como um centro de grande importância no pensamento social latino-americano. Era um período especial, de grande efervescência e criatividade intelectual - anunciando a primavera da Teoria Marxista da Dependência - e que andava *pari passu* ao momento histórico único pelo qual passava a sociedade chilena. Ao longo da entrevista trataremos mais especificamente da discussão das ideias teóricas e ações políticas de Ruy Mauro Marini nesse período.

Fabio Maldonado: Juan, é possível observar a centralidade de Eduardo Hamuy no seu doutorado. De que modo sua figura está vinculada aos seus estudos anteriores e a Teoria da Dependência?

Juan Cristóbal: Antes de mais nada, eu gostaria de dizer que ele é uma figura importante para meus estudos, já que tinha relação e era amigo de Florestan Fernandes. Foi a pedido de Florestan que ele recebe Theotonio e Vânia no Centro de Estudos Socioeconômicos. Ele recebe o Theotonio dos Santos no Centro de Estudos Socioeconômicos, e ele tinha formado um outro centro de pesquisas de opinião pública sobre eleições, chamado Centro de Estudos de Opinião Pública. Nesse centro Vânia Bambirra chegou a fazer pesquisas com Eduardo Hamuy durante um ano. A própria Vânia conta em suas memórias essa experiência com Hamuy.

Fabio Maldonado: Hamuy se apresenta então como uma figura importante nessa história. Dando um passo atrás, o CESO se forma em 1964 e suas atividades têm início em 1965, mas qual é a origem desse centro e quem são os primeiros membros?

Juan Cristóbal: O que acontece é que desde 1952, Eduardo Hamuy se encarrega de um instituto na Universidade do Chile que se chamava Instituto de Investigações Sociológicas, que havia sido criado em 1946, mas nunca havia funcionado realmente. Hamuy sempre defendeu a ideia de que era necessário criar uma Faculdade de Sociologia na Universidade do Chile. Após realizar estudos de doutorado nos Estados Unidos, Eduardo Hamuy volta para o Chile e fica encarregado desse instituto. A partir de então, começa a se relacionar com a nascente sociologia científica latino-americana. Daí sua proximidade com Florestan Fernandes e Gino Germani. Começa, então, a fazer parte de um espaço latino-americano reconhecido por dar origem à sociologia científica na região, que tinha em comum, nos distintos países, a constituição dos primeiros centros de pesquisas sociológicas.

É importante frisar que, na sua passagem pelo Instituto de Investigações Sociológicas, Hamuy teve um papel importante como promotor para a criação da primeira Escola de Sociologia, no Chile, em 1957 - podemos dizer que a primeira geração de estudantes de sociologia, que estudam sociologia universitária, são de 1958 em diante. A escola teve origem na Universidade do Chile, mas em seguida a Universidade Católica do Chile também cria uma Escola de Sociologia e no decorrer dos anos 1960 a iniciativa se expande para várias das universidades chilenas: como na Universidade de Concepción. Da mesma maneira, ele promoveu a instalação da Faculdade Latino-Americana de Ciências Sociais (FLACSO) – que se estrutura, no mesmo ano de 1957, nas dependências do Instituto de Investigações Sociológicas. Aí nasceu a primeira FLACSO. Como podemos ver Hamuy foi fundamental para a profissionalização da sociologia na universidade.

Foi assim que ele começou uma disputa política com os professores representantes daquilo que chamavam de sociologia de cátedra, ou seja, os professores de sociologia que tinham uma veia mais filosófica e não uma sociologia empírica e de pesquisa. Esses centros de pesquisa se formaram sobre a base de um forte trabalho empírico e no caso de Hamuy, em particular, sua formação nos Estados Unidos o levou a buscar dados da realidade através das pesquisas empíricas. A disputa gerada entre os sociólogos científicos e os

sociólogos de cátedra, os velhos "sociólogos" e a nova geração de sociólogos – que quer fazer da disciplina sociológica uma disciplina universitária científica, digamos, e que para isso era importante o trabalho empírico -, essa disputa a nível universitário, se mantém entre o ano 1952 e 1961, quando Hamuy sai do Instituto de Sociologia, porque os sociólogos de cátedra passam a controlar a Faculdade de Filosofia e Educação.

Isso leva Hamuy a realizar uma nova estadia de pesquisa nos Estados Unidos, entre o ano de 1961 e 1963, quando retorna ao Chile. No seu regresso, ele se instala não mais na velha Faculdade de Filosofia e Educação, mas na Faculdade de Ciências Econômicas. Havia, inclusive, uma antiga petição do decano da Faculdade de Ciências Econômicas, que tanto a Escola de Sociologia como o Instituto de Investigações Sociológicas formassem parte da Faculdade de Ciências Econômicas. Inclusive, em algum momento, chegaram a propor que se criasse uma sorte de Faculdade de Ciências Econômicas e Sociais.

Assim, depois de sair do Instituto de Investigações Sociológicas, que é praticamente desmantelado, Eduardo Hamuy fala que é necessário refundar a sociologia científica no Chile, propondo ao decano da Faculdade de Ciências Econômicas a criação de um novo centro de investigação sociológica. O novo centro se chamou Centro de Estudos Socioeconômicos, porque estava instalado na Faculdade de Ciência Econômicas, sendo uma sorte de primeira experiência de estudos interdisciplinares, vinculando o estudo de economia e sociologia.

Fabio Maldonado: Mas então, a criação do CESO se deve somente a Eduardo Hamuy?

Juan Cristóbal: Podemos dizer que sim. Ele vinha trabalhando com pesquisas eleitorais desde 1957 e a primeira experiência que teve ao se inserir na Faculdade de Ciências Econômicas foi retomar o trabalho de investigação para o estudo de opinião pública. Isso acontece justamente porque, no ano de 1964, ocorreram as eleições presidenciais no Chile e ele estava interessado em saber o que aconteceria, já que em 1958 Allende esteve a poucos votos de ter sido eleito Presidente da República. No ano de 1964 se vivia uma disputa

muito particular entre Eduardo Frei, que era democrata-cristão, e Allende que, depois dos bons resultados das eleições anteriores, tinha altas possibilidades de ganhar. Hamuy em suas pesquisas havia detectado a vitória de Frei, assim como teve bons resultados nas eleições anteriores, conseguindo apontar a vitória de distintos candidatos, como de Jorge Alessandri em 58, que era da direita mais conservadora, e outros candidatos em eleições legislativas e municipais.

Em 64, Eduardo Hamuy cria um grupo para realizar essas pesquisas. Nesse primeiro grupinho, se encontrava Pío García, um estudante de economia orientado por Hamuy. De modo geral, era composto por gente mais técnica que sabia trabalhar com pesquisas eleitorais, sendo basicamente estudantes, que estavam a ponto de egressar da Escola de Economia e ficavam responsáveis por realizar as pesquisas, sociólogos, que já haviam trabalhado com ele no Instituto de Investigações Sociológicas ou que ele conhecia da Faculdade de Filosofia e Educação.

Formalmente o centro é criado no ano de 1964, quando foi discutido no conselho universitário a necessidade de sua criação, mas para efeitos legais, começa a funcionar em primeiro de janeiro de 1965, sendo Eduardo Hamuy o seu primeiro diretor. Assim, o ano de 65 foi o período de constituição do Centro de Estudos Socioeconômicos. O que significa isso? Conseguir um lugar físico, começar a contratar pesquisadores, equipe técnica, assistentes, secretários, etc. Pío García é importante para a origem do centro, pela sua capacidade administrativa, logo se transformou no principal assistente de Hamuy.

Fabio Maldonado: Para além das pesquisas eleitorais em 1964, quando o centro ainda não estava formalmente legalizado, 65 é um ano de estruturação do CESO e não tanto de produção teórica.

Juan Cristóbal: Existe um duplo esforço nesse ano. Eduardo Hamuy buscou aproximar ao centro alguns pesquisadores conhecidos que trabalhavam sobre temas agrários, historiadores fundamentalmente, geógrafos e alguns sociólogos, seguindo a ideia de ser um centro interdisciplinar. Sua ideia era constituir uma equipe multidisciplinar junto aos jovens estudantes de economia

da Faculdade. Assim, poderíamos dizer que o ano de 65 é o ano de constituição, quando Hamuy consegue estruturar e trazer recursos para o centro, ao passo que em 66 consolidam-se as primeiras contratações importantes. Entre elas Pío García, formalmente contratado pelo Centro, e Silvia Hernández. Podemos dizer que é no ano de 1966 que se configura um amplo programa de pesquisa, definindo algumas áreas prioritárias e que começam os primeiros estudos.

É no ano de 1966 que Theotonio chega ao CESO!

Fabio Maldonado: Então, em 1966, chegam Theotonio dos Santos e Vânia Bambirra? Como foi esse processo?

Juan Cristóbal: Theotonio conta que viveu dois anos de forma clandestina no Brasil. Ao ver que não havia nenhuma possibilidade de resistir ou de seguir na clandestinidade por mais muito tempo segue para o exílio no Chile em meados de 66. Ele consegue ir, através de Florestan Fernandes que, sabendo que Eduardo Hamuy buscava atrair pesquisadores de diferentes partes, passa a referência e pede para que receba Theotonio dos Santos no CESO. Theotonio acabou indo para o CESO e Vânia para o Centro de Estudos de Opinião Pública (CEDOP). Vânia acaba apoiando Eduardo Hamuy com o trabalho de pesquisas eleitorais – ela relata isso muito bem nas suas memórias e eu retomo isso na minha tese –, mas depois de um ano já se integra ao CESO.

Fabio Maldonado: E como foram os primeiros trabalhos do Theotonio no CESO?

Juan Cristóbal: Eduardo Hamuy trabalhava muito o tema da estratificação social e Theotonio um intelectual ainda jovem, mas formado na esquerda, acaba promovendo e organizando seu primeiro seminário, que foi sobre classes sociais. Desse seminário participaram Fernando Henrique Cardoso, Aníbal Quijano, Pedro Paz, Francisco Weffort, entre outros.

Ainda antes da criação do CESO, Eduardo Hamuy criou um seminário de discussões permanentes com o decano da Faculdade de Ciências Econômicas,

que funcionou desde o início de 64, e contava com professores convidados que iriam compor o CESO, dentre os quais André Gunder Frank, que saiu do Brasil após o golpe civil-militar e tem passagens por México, Canadá até chegar ao Chile no ano de 1968 - Frank estava casado com a chilena Marta Fuentes, que depois trabalhou no CESO.

De toda forma, Theotonio se integra em 66, participa de alguns seminários e organiza o seminário sobre classes sociais.

Fabio Maldonado: E nesse momento, qual era o "estado da arte" das reflexões sobre a dependência?

Juan Cristóbal: É importante que nos recordemos que no ano de 67, Cardoso e Faletto lançaram seu estudo sobre desenvolvimento e dependência entre a intelectualidade latino-americana. Esse ano de 67, eu chamei de giro dependentista – utilizei essa expressão para diferenciar o que havia sido o anterior giro desenvolvimentista, em mãos da CEPAL. Os primeiros estudos sobre a dependência, em que o tema é trabalhado sistematicamente, são desse ano, quando se conhecem os estudos de Cardoso e Faletto; de Aníbal Quijano na CEPAL; de alguns economistas chilenos como Paz e Sunkel; e a primeira parte do estudo de Theotonio dos Santos: *O novo caráter da dependência*, também do ano de 67. Por isso que digo que que as análises de dependência emergiram no ano de 67, quando começam a circular 6 ou 7 trabalhos sobre o tema.

Fabio Maldonado: E o André Gunder Frank?

Juan Cristóbal: Frank havia realizado vários estudos sobre o subdesenvolvimento, escreveu vários textos que circularam entre seus alunos em suas aulas. Muitos dos textos ele havia escrito em 63 foram recopilados e publicados somente em 71 em um livro chamado *Sobre el subdesarrollo capitalista*. O primeiro livro de Frank sobre o desenvolvimento e subdesenvolvimento inclui os textos sobre o Chile e o Brasil, que foram escritos em 64.

Fabio Maldonado: Você se refere ao livro *Capitalismo y subdesarrollo en América Latina*?

Juan Cristóbal: Exatamente. Esse livro apareceu em 67, mas a maioria dos estudos incluídos eram de 64.

Fabio Maldonado: Mais um que surge nesse giro dependentista...

Juan Cristóbal: Também é uma referência. O ano de 1967 é um ano importante. É por isso que digo que estamos completando 50 anos do "giro dependentista". Esse livro de Frank, sem dúvida, foi uma base teórica fundamental para o desenvolvimento da Teoria da Dependência. O próprio Marini aponta isso nas suas memórias e sem dúvida foi assim mesmo! Porque foi publicado em inglês em 67 e em espanhol em 70.

Fabio Maldonado: O alcance de Gunder Frank era mais amplo que dos outros autores?

Juan Cristóbal: Sem dúvida. Primeiro porque ele escreve em inglês, de sorte que a Teoria da Dependência começa a ser conhecida ao redor do mundo pelos escritos de Frank. Daí a razão de que toda avaliação que é feita no mundo anglo-saxão, Inglaterra e Estados Unidos, sobre a Teoria da Dependência faz referência ao André Gunder Frank. Assim como o livro de Marini foi publicado em português há poucos anos e existem muitos livros de Vânia e Theotonio que nunca foram publicados em português, eu diria que muito do debate da dependência nunca foi publicado em inglês.

Fabio Maldonado: Muito bem. Voltando um pouco ao CESO. Foi em 1968 que André Gunder Frank voltou a morar no Chile...

Juan Cristóbal: Em 68 Frank chegou ao Chile. Depois de ser demitido

da Organização Internacional do Trabalho (OIT), foi contratado para dar aula no Departamento de Sociologia da Universidade do Chile, que dependia da Faculdade de Filosofia e Educação - a antiga Faculdade da qual se desligou Hamuy. Ao princípio ele não se integrou ao CESO; até 1971, Frank não se integra a esse Centro.

Fabio Maldonado: E Ruy Mauro Marini? Como foi seu ingresso?

Juan Cristóbal: Marini chega em 1969 ao Chile, mas foi no final de 70, começo de 71 que ele se integrou no CESO. A passagem de Marini pelo CESO é muito curta, dura pouco mais do que dois anos e meio. Em realidade, eles [André Gunder Frank e Ruy Mauro Marini] entram no CESO quando grande parte dos intelectuais, que formaram parte da planta de pesquisadores até o ano de 1970, migra para o governo quando vem a vitória da Unidade Popular, em setembro de 70. No final de 1970 Marini já estava instalado em Santiago, muito provavelmente já estava no CESO, mas sua contratação demorou alguns meses, sendo efetivada no começo de 71. Ele ficou em 71, 72 e 1973, até o golpe militar.

Fabio Maldonado: E a trajetória de Orlando Caputo?

Juan Cristóbal: Orlando Caputo era de origem pobre, popular. Era estudante da Escola de Economia e como tinha alguns colegas estudantes que haviam se vinculado com Eduardo Hamuy, começa a trabalhar nas pesquisas eleitorais por alguns pesos. A vinculação de Orlando Caputo com o CESO acontece no ano de 1966.

O ano de 1967 não foi somente o ano que eu chamo de giro dependentista por conta dos trabalhos publicados, mas também porque no CESO foi criada a primeira equipe de pesquisa sobre a dependência na América Latina. Era um grupo criado por Theotonio dos Santos, que tinha como pesquisadores responsáveis o próprio Theotonio e, a convite dele, Orlando Caputo.

Orlando conta que estava no momento de desenvolver sua tese de

graduação - ele era militante do Partido Comunista - e queria fazer uma pesquisa sobre o imperialismo no Chile. Era anti-imperialista, como um bom comunista! E especialmente uma investigação que contribuísse para a luta do povo do Chile. Ele estava nesse processo quando Theotonio propõe a ele e a outros estudantes de economia – estudantes que estavam na mesma situação - criar esse grupo de pesquisa sobre a dependência, que se constituiria, mais precisamente, em junho de 1967.

O grupo era composto por Theotonio, Vânia, Orlando Caputo, Sérgio Ramos – um comunista também – e Roberto Pizarro. O livro de Caputo sobre relações econômicas internacionais foi escrito com Roberto Pizarro, sendo a tese de graduação deles. Eles foram assessorados por Theotonio dos Santos e conversaram muito com André Gunder Frank. Provavelmente essa tese recebeu bastante influência de Frank!

Fabio Maldonado: Dentro do CESO, além desse grupo, se formaram outros?

Juan Cristóbal: Sim, sim. Começaram a se constituir distintos grupos de trabalho. Isso está relatado na minha dissertação de mestrado, em que eu vou mostrando como vão se formando distintos grupos de trabalho sobre distintas temáticas. O tema da dependência aparece nesse grupo de 67 e depois vai se consolidando como um dos temas centrais. Começam a trabalhar com o tema da educação. Em 1967 ingressa também Tomás Amadeu Vasconi que trabalha a questão da educação.

Fabio Maldonado: Vasconi é contratado pelo CESO, mas não entra no grupo da dependência a princípio?

Juan Cristóbal: Não. Ele nunca se integrou formalmente ao grupo da dependência. O CESO teve alguns grupos de pesquisa sobre distintas temáticas até que, em sua reestruturação em 70 e 71, se configuram três grupos: o grupo de cultura e ideologia, dirigido por Tomás Vasconi; o grupo da dependência,

dirigido por Theotonio dos Santos; e o grupo de Estado e classes sociais, dirigido por Ruy Mauro Marini. Então, você se dá conta que três intelectuais que se aproximavam ao tema da dependência, constituíam as três cabeças dos três grupos importantes que se consolidaram no CESO.

Em 1966 acontece um golpe militar na Argentina. Vasconi lecionava na Universidade Nacional do Litoral, em Santa Fé. Foi aí que conheceu Inés Reca, que foi sua companheira de toda a vida e com quem escreveu vários artigos na década de 70. Com a intervenção da universidade pública pelo regime militar, em 1966, Vasconi e um grupo de acadêmicos dessa Universidade, decidem renunciar. Em 67 ele conhece Fernando Henrique Cardoso, em um seminário na Argentina, que o convida para trabalhar no ILPES. Assim, Vasconi vai ao ILPES em um primeiro momento, onde fez alguns estudos sobre subdesenvolvimento e educação. Mas em pouco tempo, ainda em 1967, migra ao CESO, convidado por Eduardo Hamuy. Os primeiros estudos de Vasconi são publicados nesse ano. *Educación y cambio social*, de 1967, foi o seu primeiro trabalho publicado ali. Eram anos de mudança social!

Fabio Maldonado: Muito bem. Retornado ao Marini. Como é a chegada dele?

Juan Cristóbal: Marini, em realidade, tinha como horizonte ir à Argélia, mas o governo francês impediu a sua passagem, muito em função dos problemas dele com o governo mexicano relacionados ao movimento de 68 que culminou no massacre de Tlatelolco. Ante a impossibilidade de ir para a Argélia, que vivia um momento político importante, decide ir para o Chile, que concentrava os exilados brasileiros e onde estavam amigos como Theotonio e Vânia. Ele chegou em novembro de 1969, mas teve problemas com as autoridades ainda no aeroporto, que não permitiam a sua entrada. Ele conseguiu entrar no país somente depois da ajuda de Theotonio, Vânia e de um senador chileno que intercedeu por ele. Esse senador, presidente do senado, mais tarde viria a ser o Presidente da República: Salvador Allende!

Através do presidente da Federação de Estudantes da Universidade

de Concepción, Nelson Gutiérrez, militante do MIR, soube da vaga de um professor no Instituto Central de Sociologia, de modo que ele vai trabalhar nessa Universidade, onde surge uma revista que, se eu não estou enganado, se chamava *Crítica Social*. Marini publica no primeiro número dessa revista um artigo sobre os movimentos estudantis na América Latina.

Em 1970, aceitou o convite que Theotonio fez para se juntar ao CESO - um projeto intelectual muito mais atrativo, que já reunia trabalhos interessantes. Ademais, com toda a questão das eleições presidenciais de Salvador Allende o ambiente estava realmente impressionante. Marini relata sua passagem em Concepción, como um ano em que era muito difícil distinguir entre o trabalho acadêmico e o trabalho político – foi um ano em que ele não publica nada; embora naquele ano sai no México o seu livro *Subdesenvolvimento e Revolução*. Bem, depois das eleições presidenciais, em setembro de 70, Marini já se encontrava em Santiago.

Ainda em 70, vislumbrando a oportunidade de contratação pelo Centro de Estúdios Socioeconômicos, ele trabalhou em um projeto com André Gunder Frank e com outro pesquisador chileno mais desconhecido, que propunha ao CESO uma pesquisa sobre a acumulação de capital, repensando o tema da dependência a partir de novas premissas, até certo ponto crítica à abordagem desenvolvida por Theotonio dos Santos, que avançou mais para a elaboração de uma teoria do sistema mundial.

O grupo da dependência organizado por Theotonio era dividido em três: de um lado, Theotonio dos Santos que tratava de entender como se realizava a acumulação de capital nos países do centro, nos Estados Unidos fundamentalmente; por outro lado, Caputo e Pizarro que trabalhavam o tema das relações econômicas internacionais; e, por fim, Vânia Bambirra que trabalhava o capitalismo dependente. Theotonio pesquisava o capitalismo central, Vânia o capitalismo dependente e Caputo e Pizarro as relações econômicas internacionais entre centro e periferia.

Fabio Maldonado: E Sérgio Ramos?

Juan Cristóbal: Sérgio Ramos eu acabei de entrevistar. Ele se desvinculou do âmbito acadêmico. Teve um livro importante publicado no CESO, que recebeu o Prêmio Casa das Américas, em Cuba, sobre os primeiros anos do governo da Unidade Popular – foi sua tese de graduação. Era dirigente estudantil, pelo Partido Comunista, chegando a ser candidato à presidência da Federação de Estudantes da Universidade do Chile, a FECH, perdendo por poucos votos. Também era de uma extração social mais popular, como Orlando Caputo. Já no governo da Unidade Popular começou a trabalhar no Estado, se transformando em assessor presidencial de Allende para os temas econômicos.

Foi a partir desse livro premiado que, pouco depois, o historiador chileno Gabriel Salazar faz uma crítica a Teoria da Dependência, pois em certo momento do livro, Ramos diz que para realizar a análise do capitalismo chileno a história colonial não era necessária, de modo que Salazar se agarra nessa frase de Ramos e anos mais tarde, na prisão, escreve as notas que posteriormente dariam origem ao seu livro *Historia de la acumulación capitalista en Chile*. A crítica de que a Teoria da Dependência tinha sérias dificuldades em sua análise histórica advinha principalmente dos historiadores. O livro de Salazar questiona várias das premissas de Frank e Marini.

Fabio Maldonado: Juan, nesse sentido, como foi a recepção de *Dialética da Dependência* no Chile?

Juan Cristóbal: A primeira parte do ensaio *Dialética da Dependência* é publicada em 1972, no Chile, sendo, em seguida, publicada como documento de trabalho dentro do CESO. O livro *Dialética da Dependência* é publicado em agosto de 1973, um mês antes do golpe militar. Ou seja, a influência de Ruy Mauro Marini no Chile é reduzida aos círculos militantes, no MIR, nos melhores do caso. Se você ler os comunicados e os discursos dos dirigentes do MIR, poderá perceber que a influência de Marini é muito importante, no tema da superexploração do trabalho e do subimperialismo. São os dois cavalos de batalha de Marini. Mas isso ao nível do discurso político, dos dirigentes do MIR.

Conversando disso com Jaime Osorio, perguntei como foi a recepção dos estudantes chilenos de sociologia e economia ao ensaio de Ruy Mauro, e ele me respondeu que o ano de 1972 foi um ano de batalha no Chile contra a reação e as primeiras tentativas de golpe militar. As pessoas estavam muito mais preocupadas com o terreno político do que com o terreno acadêmico. De todo modo, o ensaio de Marini adquire presença porque é lançado em 1972. Ele relata nas suas memórias que Cardoso vinha trabalhando nesse tema e sente uma ameaça, sente a possibilidade de que a Teoria da Dependência se radicalize à esquerda. De modo que surge uma reação imediata contra Marini, não porque ele fosse um intelectual conhecido e com trajetória na América Latina, mas porque foi visto como uma ameaça ao intelectual que era até então mais reconhecido nesse âmbito e também pela disputa política de brasileiros no exílio. Lembremos que, em setembro de 72, acontece no Chile o 10° Congresso de Sociologia da Associação Latino-americana de Sociologia (ALAS), em que Marini apresenta o seu ensaio *Dialética da Dependência*. No início do ano, a primeira parte do seu ensaio é publicada na *Revista Sociedad y Desarrollo*, do CESO, e em setembro ele o apresenta publicamente.

Isso é importante para saber que o ensaio de Marini teve pouca influência no Chile, durante os anos da Unidade Popular, porque o livro é publicado em agosto de 73 e no México. Pensando nas comunicações de então, pode ser que tenha chegado alguns exemplares do livro entre agosto e os primeiros dias de setembro, mas eu acho que o livro não chegara a circular no Chile. É por isso que a intelectualidade mexicana pensava e segue pensando ainda, porque eu creio que essa tese é pouco conhecida, que a *Dialética da Dependência* é claramente um produto do exílio de Marini no México. Na verdade, a versão escrita no Chile já circulava no México antes da sua publicação como livro.

Fabio Maldonado: E qual o motivo de Marini não haver tentado publicar no Chile?

Juan Cristóbal: Eu acredito que sempre houve uma resistência do próprio Marini, porque como ele aponta, esse ensaio era um esboço; ele pensava

que era um projeto de pesquisa que deveria ser desenvolvido. Há aqueles que consideram que *Dialética da Dependência* é o produto consolidado de vários anos de investigação sobre o tema e eu penso que não. Eu penso que era parte do projeto de pesquisa de uma nova visão sobre a dependência. Desde o final dos anos 70, sob uma ótica mais revolucionária e militante, Marini propõe que a preocupação fundamental da Teoria da Dependência deveria ser a de constituir uma teoria que permita explicar as condições de subdesenvolvimento da América Latina, pensadas a partir do proletariado latino-americano.

Fabio Maldonado: Nesse sentido, retomando o que você dizia um pouco antes, quais foram as diferenças que você mapeou entre as propostas de pesquisa de Ruy Mauro Marini e aquela levada a cabo por Theotonio dos Santos?

Juan Cristóbal: No caso de Marini eu digo que existia uma nova abordagem, para pensar não tanto na lógica sistêmica global, planteada por Theotonio dos Santos, que ao final era a via que ele adotou, mais vinculada a Immanuel Wallerstein, Samir Amin e a intelectualidade que pensa o Sistema Mundo, a Economia Mundo. A preocupação de Marini era pensar o capitalismo dependente latino-americano. Por isso esteve muito mais perto de Vânia Bambirra que, dentro da reflexão desenvolvida dentro dessa ótica mais global, foi quem pensou o capitalismo dependente. Esse era o interesse teórico fundamental de Ruy Mauro Marini: estudar o capitalismo dependente latino-americano, de modo que o trabalho de Bambirra resultou ser um apoio. E dentro dessa ótica havia um novo ponto de partida que não era somente a América Latina, mas o proletariado latino-americano. Existia, portanto, um ingrediente adicional: pensar a dependência latino-americana a partir de uma perspectiva mais próxima d'*O Capital*, ou seja, pensar o que acontece com os trabalhadores latino-americanos. Esse era o ponto que mais interessava ao Ruy Mauro Marini. Daí a centralidade do tema da superexploração do trabalho.

Digamos que esses novos ingredientes, integrados ao que já havia avançado Theotonio dos Santos e Orlando Caputo com a equipe original,

imprimem uma nova ótica. Em realidade, eu acredito que Marini pensava que a visão global que realizava Theotonio, no final, acabava paradoxalmente situando o estudo sobre o capitalismo dependente em um lugar periférico. Era necessário dar centralidade. Era necessário agarrar essa parte da totalidade, dar-lhe centralidade e dedicar-se ao estudo do capitalismo dependente latino-americano. Esse era o projeto que ele tinha e que se vê interrompido pelo golpe militar em 1973.

Fabio Maldonado: E quem eram os membros que compunham o grupo de Ruy Mauro Marini?

Juan Cristóbal: Faziam parte desse grupo Emir Sader – seu irmão Eder estava na Universidade de Concepción, não esteve vinculado ao CESO -, Cristian Sepúlveda, um chileno estudante de economia e podemos dizer que era então o principal discípulo de Marini no CESO – escreveu uma pesquisa sobre o desenvolvimento do capitalismo no Chile, que foi a primeira pesquisa que tentou baixar o nível de abstração de *Dialética da Dependência* para o caso concreto chileno, a partir das periodizações históricas que havia indicado o próprio Marini. Esse trabalho acabou nunca sendo publicado, mas é um produto da equipe de trabalho de Marini, sendo a única tese que ele orienta no Chile.

Sepúlveda, mais tarde, foi estudar na Alemanha e fez uma tese de doutorado seguindo essa mesma linha, tratando de pesquisar o desenvolvimento do capitalismo no Chile sob a ótica da Teoria da Dependência e a partir do período da colônia.

Também estava nesse grupo Jaime Osório. Alguns poucos mais. Não creia que o CESO era um espaço tão amplo. No CESO, pensando em uma base de pesquisadores em tempo integral, falaríamos de 20 ou 30 pesquisadores no melhor dos casos. Se dividirmos entre os grupos, vemos que são poucos.

Fabio Maldonado: E Marco Aurélio Garcia era membro do grupo de Tomás Vasconi?

Juan Cristóbal: Isso. De Tomás Vasconi.

Fabio Maldonado: Quem mais fazia parte desse grupo?

Juan Cristóbal: Bem, no grupo coordenado por Tomás Vasconi trabalhava Guillermo Labarca y José Bengoa. Provavelmente Marta Harnecker teve alguma influência sobre parte desse grupo. Harnecker organizou no CESO o primeiro seminário do Capital. Ao analisar o trabalho de Vasconi dessa época é possível notar a influência de Louis Althusser, claramente pelas mãos de Marta Harnecker, que havia sido discípula de Althusser e traduzido sua obra para o espanhol. Por isso, eu creio que existe uma influência de Harnecker, que chegou ao CESO em 69, 70, se integrando completamente em 71, e que já em meados de 72 se afastou para dirigir a revista, criada por Theotonio dos Santos, Pío García e Ruy Mauro Marini, chamada *Chile Hoy* - dedicada a produção de análise sobre a conjuntura política e o momento da Unidade Popular.

Fabio Maldonado: E você acredita que essa influência de Louis Althusser, através de Marta Harnecker, chegou a ter impacto no pensamento de Ruy Mauro Marini, Vânia Bambirra e Theotonio dos Santos?

Juan Cristóbal: Não acredito e nem vejo essa influência. Dito isto, devo ressaltar que a teoria da dependência não está isenta do peso histórico do estruturalismo. No entanto, no caso dos dependentistas do CESO, não vejo que isso seja devido à influência de Althusser.

Agora, passando para outro tópico, o que eu queria dizer é que a grande diferença entre Ruy Mauro Marini e Fernando Henrique Cardoso é que Marini tem na cabeça a necessidade de sistematizar uma teoria e Cardoso se nega rotundamente a que seus estudos sobre a dependência se constituam numa teoria, pois considera que seria um ponto de fechamento mais do que de abertura. Considera que o processo que Ruy Mauro Marini está encabeçando vai na direção de um fechamento mais do que de abertura teórica. Ao contrário, Marini tem como objetivo sistematizar uma teoria. Ele apresenta seu ensaio *Dialética*

da Dependência não como o resultado de uma pesquisa de muitos anos. Ora, se considerarmos que o giro dependentista começou em 67 se alongando até o ano de 73, anos carregados de um processo revolucionário em que ele estava envolvido, podemos concluir que ele teve pouco tempo. Poderíamos dizer que Marini escreveu um esboço sobre a Teoria da Dependência. Desenhou as grandes linhas temáticas, o que foi um grande acerto, mas estava muito longe de desenvolver um estudo sistemático sobre o desenvolvimento do capitalismo no Chile ou um estudo mais sistemático da América Latina, em geral.

Claro que o estudo sobre o capitalismo dependente latino-americano de Vânia, é um estudo de referência muito importante, porque em realidade é uma crítica, entre outros, a Cardoso e sua tipologia. Eu rastreei que Cardoso se nega a considerar que aquilo que realizou com Faletto teria sido uma tipologia. Ele acredita que essa denominação de Bambirra é um fechamento teórico, uma ideia que condensa em conceitos algo que para ele é dinâmico, é histórico, que é um processo em permanente movimento. Essa não é a ideia de Vânia Bambirra, nem de Ruy Mauro Marini, mas Cardoso tem uma sorte de tendência anti teoricista.

É importante frisar que eles tinham um diálogo. Alguém que estuda esse período tem de entender que nos anos em que Cardoso e Theotonio viveram no Chile, eles tiveram um diálogo muito fértil, muito frutífero, conversavam em múltiplos espaços e formavam parte de núcleos de discussão. A ruptura se dá com a chegada de Marini, quando ele radicaliza o discurso, o que assusta Cardoso. Ruy Mauro Marini compreende isso perfeitamente. Eram parte de tendências políticas distintas. Podemos entender essa disputa acadêmica entre Marini e Cardoso a partir do balanço do fracasso do governo da Unidade Popular. Marini cataloga os partidos que compõem a Unidade Popular como reformistas, que o resultado do processo foi um resultado lógico de um governo reformista que não foi capaz de dar passos mais substanciais na rota da revolução. E Cardoso e José Serra, nas *Desventuras da Dialética da Dependência*, criticam Marini de ser voluntarista. Então é uma disputa política que está por detrás da disputa acadêmica.

Fabio Maldonado: Então para entender melhor, o CESO, nos anos 70, se resumia naqueles três grupos?

Juan Cristóbal: Na verdade haviam outros grupos de trabalho. O grupo de trabalho sobre a questão agrária foi muito importante, com José Bengoa como intelectual mais conhecido - um historiador chileno que trabalha o tema mapuche, indígena, e a reforma agrária naquele tempo. Silvia Hernández y Cristóbal Kay também fizeram parte desse esforço no CESO. O projeto de pesquisa desse grupo girava, principalmente, em torno da reforma agrária do governo de Salvador Allende. Era um grupo mais periférico em relação aos outros três, mas ainda sim importante pela relevância do tema naquele momento.

Havia ainda alguns outros grupos de trabalho sobre temas mais específicos. Uma característica importante do CESO derivava do fato de que para além da divisão em grupos de trabalho, esses grupos se juntavam em um seminário comum, onde reuniam-se todos os pesquisadores para discutir conjuntamente os documentos de trabalho, em um seminário semanal permanente. Ou seja, havia pesquisadores trabalhando os distintos temas, mas discutindo entre eles, de modo que o tema da dependência acabava perpassando todos os grupos.

E claro, havia Vasconi e Ruy Mauro. Vasconi trabalhava, no começo, as temáticas do subdesenvolvimento e da dependência e Marini estava trabalhando um novo projeto para relançar a discussão da Teoria da Dependência; essa discussão que propõe André Gunder Frank no seu artigo *La dependencia ha muerto. Viva la dependencia!*, que, em realidade, é uma sorte de ironia que aponta que os primeiros estudos da dependência não deram as respostas suficientes e identifica o surgimento de uma nova corrente que ele denomina como nova dependência, onde estariam Marini, Torres, Hinkelammert, etc.

No grupo de Marini estava justamente Jaime Torres, que escreveu um artigo que se chamou *Para un concepto de "formación social colonial"*, contrastando esse conceito com o de "formação social dependente". Essa era a ideia: debater no terreno que havia discutido André Gunder Frank e que havia sido considerado como inútil por Sergio Ramos.

Fabio Maldonado: Nesse ponto, Theotonio coincidiu com Frank?

Juan Cristóbal: Theotonio dos Santos realiza uma forte crítica a Frank sobre o tema do subdesenvolvimento na era colonial. Jaime Torres se insere nessa discussão propondo que a nova teorização sobre o conceito de formação social colonial iria ser realizada a partir de uma ótica que dialoga com a Teoria da Dependência. Esse estudo de Torres acaba ficando inconcluso e nunca foi publicado.

Jaime Torres era um historiador que, a partir do CESO, começa a debater as premissas sobre as quais se construiu a Teoria da Dependência, que teriam base, fundamentalmente, nos estudos de André Gunder Frank. Este nutre os estudos de Marini, que faz uma sorte de reconhecimento a ele em função da lógica do desenvolvimento do subdesenvolvimento. É possível perceber de várias maneiras como esta ideia que pode ser uma ideia de longo prazo sobre o capitalismo na América Latina, é questionada a partir de distintas óticas por distintos intelectuais. Fernando Henrique Cardoso critica essa lógica. Mas os próprios historiadores da Universidade Católica do Chile e outros, como Laclau, começam a questionar essa tese de Frank. Torres dialoga com ela, a partir de uma ótica mais próxima a Ruy Mauro, que tem em *Dialética da Dependência* uma alta estima sobre esse estudo preliminar de Jaime Torres.

Fabio Maldonado: Juan, para ir encerrando, qual a sua avaliação da Teoria da Dependência, ou melhor, da Teoria Marxista da Dependência?

Juan Cristóbal: Eu estou trabalhando nos últimos tempos sobre o seu desenvolvimento teórico; alguns problemas que eu detecto em *Dialética de Dependência*, em particular no pensamento exposto

por Ruy Mauro e em seus seguidores. Eu me familiarizei com a Teoria da Dependência por uma aproximação muito preliminar que tive na faculdade de economia, mas depois de maneira mais séria, porque eu fui aluno de Enrique Dussel durante muito tempo.

Enrique Dussel é o único filósofo de envergadura na América Latina que trabalha o tema da dependência. Ele tem uma trilogia sobre Marx em que desenvolve um debate particular, a partir da Filosofia da Libertação, que é uma vertente teórica que, na verdade, é influenciada pela Teoria da Dependência. A Filosofia da Libertação nasce em Mendoza, na Argentina, e é um movimento filosófico que tem como influência por um lado, a Teologia da Libertação e por outro lado, a Teoria da Dependência.

O primeiro questionamento sobre a argumentação teórica de Dussel vem de filósofos que se filiavam na própria Filosofia da Libertação. Em particular de Horácio Cerutti, que é um filósofo menos conhecido, e questiona que, para fundamentar sua Filosofia da Libertação, Enrique Dussel acaba recorrendo à vertente radical do dependentismo, cujo horizonte era a sistematização de uma teoria. Nesse sentido, Cerutti está mais de acordo com o Cardoso.

No começo dos anos 80, Dussel começa a incorporar os trabalhos de Marx com a ideia de questionar as críticas dirigidas a ele e demonstrar que existem fundamentos sólidos para avançar na sistematização de uma teoria da dependência baseada na teoria de Marx. Cabe lembrar que a Teoria da Dependência foi criticada em 74 por Augustín Cueva em sua famosa intervenção no congresso de sociologia que aconteceu na Costa Rica, onde dizia que o tema da dependência não tem lugar teórico no marxismo. Dussel respondeu essa crítica dizendo que a Teoria da Dependência tem assento teórico potente em Marx, em particular.

Podemos dizer que o esforço de Marini é baixar o nível de abstração da análise que Marx realiza n'*O Capital* para estudar a América Latina.

Marx escreve do capital em termos gerais, em termos mais abstratos, já os estudos de Marini são um pouco mais concretos que os estudos d'*O Capital*, mas ainda abstrato em relação as formações sociais. Marini lê *O Capital* e nota que é possível fazer uma leitura a partir da América Latina e, posteriormente, baixar para a realidade de cada país. O objetivo de Ruy Mauro era que seus estudos servissem para os distintos intelectuais, preocupados com as realidades de seus países, como uma base teórica intermediária entre o estudo d'*O Capital* e os seus estudos específicos.

Eu rastreio nas distintas obras como Enrique Dussel dialoga com Marini, simpatiza bastante com Marini dizendo que, dentre os teóricos da dependência, ele é o único intelectual na América Latina que pensa com as categorias d'*O Capital* de Marx, de modo que seu estudo é uma tentativa de efetivamente situar num plano de maior concreção as categorias marxianas. Por isso Dussel valoriza muito e faz um resgate da Teoria da Dependência, da qual grande parte da intelectualidade de esquerda havia se afastado. Quando eu cheguei no México, em 1994, um dos poucos que falava da Teoria da Dependência, além de Jaime Osório, era Enrique Dussel. Os livros que formam a trilogia de Dussel são *La producción teórica de Marx*, de 85, *Hacia un Marx desconocido*, de 88, e *El último Marx (1863-1882) y la liberación Latinoamericana*, de 90. A ideia que está por detrás dos três livros é a de demonstrar como a Teoria da Dependência tem um espaço teórico no discurso marxiano. A verdade é que Enrique Dussel é muito reconhecido e respeitado, um filósofo extremamente rigoroso, mas seus estudos sobre Marx e seu diálogo com a Teoria da Dependência é desconhecido, inclusive para o grupo da Teoria Marxista da Dependência.

Nesse sentido, estou realizando um trabalho em que faço uma discussão entre Dussel e Marini a partir de duas teses fundamentais: em primeiro lugar a tese de Marini de que a superexploração do trabalho é o

fundamento da dependência. Dussel critica essa tese dizendo que o fundamento da dependência é a transferência de mais-valor, no espaço da circulação. Eu entro nesse debate dizendo que aqui opera uma diferença semântica, ou seja, não é o mesmo dependência e acumulação dependente; são dois âmbitos distintos. Desse modo, eu proponho uma abordagem que aponte que o fundamento da dependência é a transferência de mais-valor e o fundamento da acumulação dependente é a superexploração do trabalho. Eu creio que essa era a leitura que realizava Marini, muito embora ele não diferenciasse dependência e capitalismo dependente, em realidade, ele teoriza a acumulação dependente. Para mim não são sinônimos. O âmbito da dependência é aquele em que trabalhou Orlando Caputo e Roberto Pizarro, o âmbito das relações econômicas internacionais, o da competição, o de troca desigual, nesse âmbito existe transferência de mais-valor.

De fato, eu estou de acordo com Marini quando ele diz que a superexploração do trabalho é uma resposta direta para a transferência de valor, mas eu creio que se temos claro essa discussão, que a dependência tem a ver com o espaço da transferência de mais-valor e o capitalismo dependente, como resposta a essa transferência de mais-valor, tem a necessidade de superexplorar a força de trabalho, podemos dizer que são dois espaços teóricos distintos, um espaço na circulação e outro espaço na produção. Então eu faço essa distinção, que é semântica, mas que se refere ao debate sobre qual é o fundamento da dependência. Assim, eu proponho que podemos pensar teoricamente esses dois âmbitos de forma diferenciada; poderíamos precisar esse debate fazendo esse esclarecimento. Finalmente, não é que Enrique Dussel se contrapõe ao que Marini diz, mas ele está pensando em dois âmbitos que são diferenciados e articulados ao mesmo tempo.

No México, nessa discussão ou se está de acordo com Dussel ou com Marini. Eu não estou de acordo com nenhum dos dois completamente. É possível estar de acordo com os dois se distinguirmos o conceito de capitalismo dependente do conceito de dependência. E isso Augustín Cueva já anunciava, quando dizia que a Teoria da Dependência não tem clara a diferença do conceito de dependente e de dependência. Poderíamos dizer que uma seria a relação

social e a outra a formação social. Eu proponho que, por um lado, são duas formações sociais (desenvolvidas e subdesenvolvidas) que se relacionam, de modo que o momento da relação social poderia ser teoricamente abstraído como um momento de análise, que seria o momento da transferência de mais-valor, mas ao analisar a formação social poderíamos dizer que ela tem um fundamento distinto, como tem de transferir mais-valor, necessita superexplorar a força de trabalho.

A segunda tese que discuto, refere-se ao problema de que Dussel, em vez de falar superexploração do trabalho fala em sobre-exploração do trabalho. E esse é o conceito que Cardoso também utiliza. E então eu me perguntava a razão de Ruy Mauro utilizar o conceito de superexploração que é fundamentalmente diferente do conceito de sobre-exploração, e isso me leva a raiz da crítica que Fernando Henrique Cardoso faz à Marini. Se formos retomar a discussão, vamos lembrar que Cardoso identifica superexploração à mais-valor absoluto. Então comecei a estudar essa diferença semântica entre Dussel, Cardoso e Marini e verifiquei que Dussel também identifica sobre-exploração com mais-valor absoluto, fazendo a mesma crítica de Cardoso. Dussel participou da minha banca e escreveu uma resposta de cinco páginas à minha tese, que está na parte final da tese, respondendo que a diferença dele com Marini é puramente semântica, que o conceito de superexploração é mais cacofônico e que considerava que convinha falar em sobre-exploração. Mas, em realidade, o conteúdo era distinto, já que ele identificava sobre-exploração e mais-valor absoluto, de modo que eu escrevi um artigo, que em breve será publicado, para tentar esclarecer o debate: quem estava certo Enrique Dussel ou Marini? Porque, de fato, se Dussel está certo, significa que Cardoso tem razão também. Ao final, acabei dando razão ao Marini, identificando que o grande problema é que o segundo mecanismo de superexploração do trabalho, a intensificação do trabalho, é considerada por Cardoso e Dussel como mais-valor absoluto e para Marini não é. Eu fui rastrear essa ideia de que o aumento da intensidade do trabalho é mais-valor relativo e, efetivamente, Marini tem razão. Marx, no capítulo 14 e 15 d'O Capital, teoriza como a intensificação do trabalho é uma forma de extração de mais-valor relativo.

Me parecia que esse trabalho não havia sido feito, ou seja, ou se assumia acriticamente essa tese de Marini, sem fazer uma análise mais profunda e repetindo o argumento dele – eu creio que Marini poderia ter argumentado na contra resposta ao Cardoso e ao Serra com muito mais solidez -, ou se assumia o que dizia Dussel, Cardoso e Bolívar Echeverría – que teorizou sobre as formas de mais-valor e também identificava o aumento da intensidade do trabalho ao aumento de mais-valor absoluto. Era uma discussão que estava muito presente no México, nos anos 90; se teorizou muito sobre esse tema. Enfim, eu defendo a tese de Marini com Marx dizendo que, em realidade, a intensificação do trabalho, no estrito sentido que ele propõe n'O Capital, é uma forma de extração de mais-valor relativo. E isso dá razão ao Marini para constituir a superexploração do trabalho como um conceito distinto de sobre-exploração, que é identificado por esses autores como mais-valor absoluto única e exclusivamente. De modo que me parecia que, ficando claro o segundo mecanismo, o conceito de superexploração se apresentava como teoricamente sólido.

Ao final, é um artigo que coloca Enrique Dussel no debate, porque a crítica que ele realiza a Teoria da Dependência é pouco conhecida. Em relação à segunda tese, e dou algumas razões à Dussel, mas termino ficando com Marini. Não porque quisesse escolher Marini, mas porque tinha uma inquietude intelectual para saber quem tinha a razão. O conceito de superexploração aparece como um elemento original das ciências sociais latino-americanas.

De toda forma, Dussel realizou uma ótima pesquisa sobre a dependência. Vinculada nessa hipótese de que o fundamento da dependência é a transferência de valor, ele trabalha todos os espaços da circulação, inclusive no livro as 16 Tesis de economía política, ele trabalha em 3 capítulos o tema da dependência, e em particular ele trabalha com cuidado o âmbito da circulação. Esse é um tema que a Teoria Marxista da Dependência trabalhou muito pouco, lembrando que Ruy Mauro trabalha duas formas de transferência de valor na Dialética da Dependência – a diferença da composição orgânica de capital por um lado, e o intercâmbio desigual, por outro -, ao passo que a isso, Dussel considera 5 formas adicionais de transferência de valor hoje.

Fabio Maldonado: Para terminar Juan, quais são os desafios para quem busca fazer uma análise da realidade brasileira e latino-americana a partir da Teoria Marxista da Dependência?

Juan Cristóbal: O principal desafio é passar por um processo de atualização. Primeiro ver se as teses fundamentais, são realmente fundamentais ou periféricas, ou seja, quais são as verdadeiras teses fundamentais da Teoria da Dependência, identificando-as bem. E, então, começar a desenvolver todos os âmbitos em que ela deixou lacunas: como se coloca a Teoria da Dependência frente a Teoria da Marginalidade?

Como se coloca diante da renda da terra? E diante da questão ecológica e da questão de gênero, ou, como dizia Vânia Bambira, a dupla exploração do trabalho? Ainda à luz da crise da esquerda, devemos nos perguntar se a Teoria da Dependência tem ou não capacidade de oferecer respostas diante dessa crise. Maristella Svampa, na Argentina, por outras vias, começou a chegar à Teoria da Dependência. Ela trabalhou a questão do extrativismo durante muitos anos e agora o vincula ao tema da dependência e do subdesenvolvimento. Eu diria que o tema do extrativismo também é fundamental.